



A MÃE

Em uma noite, quase de madrugada, eu estava voltando cansado para casa. Trovejava muito e as luzes dos postes da calçada iam se apagando. Aos poucos, comecei a enxergar uma sombra; parecia uma senhorinha que vinha mancando até mim. Achei que ela poderia estar em perigo. Andei até lá e, quando fui lhe falar, ela me agarrou pelos braços e começou a gritar: “Meu filho, meu filho!”

Eu estava em pânico e tentei fugir, mas já era tarde; estávamos na frente do portão de sua casa. A mulher me colocou em um quarto escuro, cheio de brinquedos e coisas de crianças, e rapidamente trancou a porta, colocando o seu olho em uma pequena abertura da janela enquanto dizia, com um tom de voz maníaco: “Aproveite sua casa, meu filho, você nunca mais sairá daqui.” Depois, bateu a janela com toda a força.

Muito nervoso, comecei a procurar algo para tentar sair daquela casa. Depois de vasculhar tudo, encontrei uma carta de um hospital antigo afirmando que seu filho havia morrido em um acidente quando tinha apenas 13 anos. Naquele momento, eu entendi tudo: a senhora achava que eu era o filho dela, por isso me trancou, com medo de que eu fugisse e me acidentasse.

Ao fundo de uma gaveta mofada, encontrei um telefone. Tentei ligar para a polícia. O telefone fez um barulho estranho, como ruídos, mas, depois de um tempo chamando, os policiais atenderam. Quando as autoridades chegaram, a mulher tentou se esconder e eu expliquei o que havia acontecido. Após muitas pesquisas, descobriram que ela havia fugido de um hospital psiquiátrico e a levaram para a delegacia.

Voltando para casa, deparei-me com cartas escritas com manchas de sangue e recados que diziam: “Não precisa mais se esconder, meu filho.” Quando percebi, estava em uma sala com armas e facas. Cheguei mais perto, olhei para as paredes e vi que estava escrito algo como: “Essas armas servem para você se proteger, meu querido, de todo e qualquer perigo.”

As luzes se apagaram e, quando vi, estava caindo em um buraco enorme e escuro e avistei um menino de mais ou menos 13 anos em meio a uma roda de assassinos prestes a matá-lo. Naquele momento, entendi tudo: o garotinho era o filho da mulher e aquele era o “tal” acidente; por isso as armas para me proteger. Aquilo parecia um universo paralelo; eu não sabia o motivo de ter parado lá e nem como aquilo era possível.

No final de tudo, essa história virou um enorme mistério, pois, quando cheguei ao final do buraco, bati a cabeça com força e desmaiei inconsciente. A partir disso, não havia mais pistas, não sabia para onde ir; apenas vi uma mulher muito alta, andando lentamente até mim, com uma roupa preta e um capuz que cobria seu rosto. Tentei não me mexer, mas rapidamente ela levantou uma foice sobre minha cabeça e a partiu ao meio. Era a

“Dona Morte” em pessoa. Depois de apenas 17 anos, havia chegado a minha vez de partir para outra vida.

Flávia La Pastina dos Santos

7º ano / Itajaí

2024